

## O CINEMA EM SALA DE AULA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO

Marcel Fonseca Carvalho<sup>1</sup>

### Resumo

O cinema chega ao Brasil no final do século XIX. A proposta inicial era de uma mídia de entretenimento. Porém, em 1929 já havia determinação de utilizá-lo nas escolas primárias do país. Nesse sentido, a partir da década de 1930, a linguagem cinematográfica se torna mais marcante em sala de aula como mídia educativa e complementa o ensino tradicional por ser um meio eficaz de comunicação, expressão, arte, entre outros. Dessa maneira, este artigo traz como foco se o cinema, utilizado em sala de aula, contribui para a formação crítica dos alunos. Para isso, recorre-se à pesquisa bibliográfica e se pauta nos Estudos Culturais. Nota-se que o cinema em sala de aula é fundamental porque contribuiria para a capacitação crítica dos alunos ao trazer à tona temas relevantes como: preconceito, discriminação e crenças. Nessa perspectiva, é necessário que o professor-mediador tenha formação consistente para fazer a leitura das mensagens exibidas nos filmes.

**Palavras-chave:** Cinema; Educação; Estudos Culturais.

### Abstract

Cinema arrived in Brazil at the end of the 19th century. The initial proposal was an entertainment medium. However, in 1929 there was already a determination to use it in primary schools across the country. In this sense, from the 1930s onwards, cinematographic language becomes more prominent in the classroom as an educational medium and complements traditional teaching as an effective means of communication, expression, art, among others. In this sense, this article focuses on whether cinema, used in the classroom, contributes to the critical training of students. For this, we resort to bibliographic research and are guided by Cultural Studies. It is noted that cinema in the classroom is fundamental because it contributes to the critical training of students by bringing relevant themes such as: prejudice, discrimination and belief. From this perspective, it is necessary for the teacher to have consistent training to read the messages shown in the films.

**Keywords:** Cinema; Education; Cultural Studies.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) em 2005, e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) em 2009.

## Resumen

El cine llegó a Brasil en la final del siglo XIX. La propuesta inicial era un medio de entretenimiento. Sin embargo, en 1929 ya existía la determinación de utilizarlo en las escuelas primarias de todo el país. En este sentido, a partir de la década de 1930, el lenguaje cinematográfico cobra mayor protagonismo en las aulas como medio educativo y complementa la enseñanza tradicional como medio eficaz de comunicación, expresión, arte, entre otros. De esa manera, este artículo se centra en si el cine, utilizado en el aula, contribuye a la formación crítica de los estudiantes. Para ello recurrimos a la investigación bibliográfica y nos guiamos por los Estudios Culturales. Se destaca que el cine en el aula es fundamental porque contribuye a la formación crítica de los estudiantes al traer a colación temas relevantes como: el prejuicio, la discriminación y la creencia. Desde esta perspectiva, es necesario que el docente tenga una formación constante para leer los mensajes que se muestran en las películas.

**Palabras clave:** Cine; Educación; Estudios Culturales.

## 1. INTRODUÇÃO

O final do século XIX é marcado por uma série de invenções, entre elas, o cinema pelos irmãos franceses Auguste e Louis Jean Lumière, em 1895. O que era para ser mais um instrumento de entretenimento, aos poucos, tornou-se fonte de pesquisa utilizado pelos professores em sala de aula para debaterem assuntos diversos como ética, valores morais, questões de gênero, fatores socioculturais e outros.

No Brasil, o cinema chega em 1896 e, na década de 1920, já era utilizado nas escolas primárias. Porém, a partir de 1930, é que a sétima arte tem presença marcante nas escolas brasileiras. Nota-se que para utilizar do cinema como ferramenta pedagógica, necessita-se de metodologia específica para que o docente faça a “leitura” das imagens, sons, cores, movimentos, ou seja, da linguagem cinematográfica como um todo e, junto aos alunos, contextualizará com fatos históricos e conduzirá o “olhar” do discente para análise crítica dos temas abordados nos filmes. Nesse momento, abre espaço para debates, desenvolve a imaginação dos alunos, amplia a visão de mundo deles.

Nota-se que o cinema propicia, ainda, aulas mais interativas, dinâmicas, além de despertar o interesse dos alunos em pesquisar sobre temas cotidianos, polêmicos, históricos, políticos, entre outros. Salienta-se que, apesar de o cinema contribuir para o processo de ensino e de aprendizagem, a origem dele se pauta no entretenimento.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é explanar sobre o cinema em sala de aula ao trazê-lo como fonte de pesquisa e analisar se a sétima arte contribuiria para a formação crítica e reflexiva dos alunos. Para isso, recorre, de maneira sucinta, aos Estudos Culturais. Além disso, faz breve comentário sobre os modos de endereçamento dos filmes. Isso porque cada película atende a público específico e para analisá-la e fazer a “leitura” da linguagem cinematográfica, o professor-mediador deve respeitar as experiências de vida dos alunos.

## **EDUCAÇÃO E CINEMA**

Ministrar aula na contemporaneidade é um desafio permanente aos docentes. Estes enfrentam a concorrência com as novas tecnologias, que possibilitam ao discente, por exemplo, pesquisar em tempo real sobre todos os assuntos. Além disso, elas contribuem para aulas mais dinâmicas, reflexivas e produtivas. Nessa perspectiva, o cinema não poderia ser deixado de lado, uma vez que, além de ser uma tecnologia presente no dia a dia da sociedade, traz à tona temas relevantes para a formação de cidadãos conscientes, críticos e com ampla visão de mundo.

A exposição aos produtos midiáticos, intensificada na última década do século XX, devido à Internet, faz com que, cada vez mais, os professores levem para as salas de aula as tecnologias. Nesse sentido, o professor ao utilizar filmes no espaço escolar como fonte de pesquisa contribuiria para o processo de ensino e de aprendizagem. Além disso, romperia com a ideia inicial de que o cinema seria apenas de entretenimento. Apesar de ele ter

surgido com essa função específica, aos poucos, foi introduzido nas salas de aula. No Brasil, isso ocorre nas primeiras décadas do século XX e ganha respaldo dos adeptos da Escola Nova. Segundo Paixão, Barroso e Freire (2011, p. 4),

No Brasil, a utilização de novas técnicas e tecnologias tornaram-se uma Política Pública desde os primórdios do século XX, tendo no movimento Escola Nova um importante marco neste sentido. [...] Um marco histórico da inserção de tecnologias audiovisuais no espaço escolar também foi de responsabilidade dos pioneiros da educação, quando em 1927, junto com o Estado, ajudaram a criar a primeira experiência de utilização do cinema como um recurso pedagógico na educação brasileira.

Verifica-se que de início o cinema educativo é utilizado como recurso pedagógico experimental na educação brasileira. Mas como esse produto midiático não é “ingênuo”, ao ser utilizado no processo de ensino e de aprendizagem, exigiu-se do docente que fizesse análise crítica e aprofundada dos temas abordados nas películas. Nessa perspectiva, o professor não pode se atrelar apenas à superficialidade. Para Guareschi e Biz (2005, p. 32-33),

O educador que se detiver na interpretação dos conhecimentos está imediatamente superado. [...], mas não se trata de saber o que se passa, ou seja, a informação, mas de pensar, refletir, entender, saber analisar aquilo que lhe é repassado.

Nota-se que os autores chamam a atenção para a análise contextualizada dos assuntos apresentados nos filmes e exibidos aos alunos em sala de aula de aula. A complexidade em analisar a linguagem cinematográfica ultrapassa o entendimento do filme e requer reflexões. Nesse momento, o professor-mediador precisa fazer a “leitura” fílmica de maneira aprofundada, já que irá debater os temas junto aos discentes.

Para possibilitar que o cinema realmente se torne “ferramenta” educativa”, em 1927, o governo cria a Comissão de Cinema Educativo. O

objetivo é que as escolas brasileiras tivessem mais opção didática. Segundo Franco (2004, p. 22), “os trabalhos dessa Comissão resultariam na abertura, em agosto de 1929, da ‘Exposição de Aparelhos de Projecção Fixa e Animada’, na Escola José de Alencar, no Largo do Machado”. Esse episódio marcaria definitivamente o início do cinema na educação brasileira. Porém, salienta-se que, um ano antes, em 1928, a reforma da educação no Distrito Federal já havia pleiteado a utilização do cinema em sala de aula, por meio do decreto 2.940, de 22 de novembro, que previa nos artigos 633 a 635, que o cinema fosse utilizado como prática pedagógica no Distrito Federal. Ao assumir a vanguarda do cinema em sala de aula, o Distrito Federal abre para o debate nacional a importância de utilizar a sétima arte na educação. Nesse caso, haveria aparelhos para exibir filmes nas escolas de ensino normal, primário, doméstico e profissional. A partir desse momento, o cinema ganha adeptos em nível nacional como “ferramenta pedagógica”, não porque recria a realidade, mas porque traz questionamentos sobre diversos fatos, inclusive a educação.

Nesse sentido, o cinema passar a ser utilizado em sala de aula porque é produto de mídia, possibilita aulas mais dinâmicas e propicia reflexões sobre diversos temas presentes na sociedade. A narrativa fílmica possibilitaria o debate escolar, a ampliação de visão de mundo dos discentes e socializaria o conhecimento. Tudo isso sem perder a principal característica do cinema que é, de início, o de entretenimento.

Ao aproximar o cinema da educação, nota-se que o professor-mediador deve contextualizar, de maneira crítica, a linguagem cinematográfica. O objetivo é que os discentes, que, também, participam ativamente da análise da película, obtenham o máximo possível de informações e, com isso, reflitam sobre os assuntos abordados no filme os quais permeiam a sociedade.

Para o docente analisar as imagens, sons, cenário, roteiro, entre outros elementos que compõem o filme, não é necessário ser “perito cinematográfico”. Porém, precisa de conhecer o básico da sétima arte e se debruçar na “leitura”

fílmica. Nesse sentido, Fischer (2009, p. 97) argumenta que o docente tem de ir:

além das interpretações, da leitura das entrelinhas, do não-dito. Talvez ensine uma generosidade esquecida, de olhar o que está diante de nós e nos entregarmos ao que aquela peça audiovisual oferece, sem necessariamente desejar uma espiadela curiosa por trás das cortinas para saber o que realmente as imagens queriam dizer.

Percebe-se que a autora é enfática ao defender a ideia de que há mensagem implícita nos filmes e que essas devem ser analisadas e contextualizadas com detalhes. Nota-se que Fisher (2009) chama a atenção do professor e afirma que a “leitura” cinematográfica não é fácil, já que ele tem de fugir de julgamentos rasos, rígidos ou apressados. Nessa perspectiva, o aluno deveria ser educado para e com a mídia. Nesse tocante, no primeiro momento, seria aguçar no discente a crítica sobre os produtos midiáticos, que no caso desta pesquisa restringe-se ao cinema. No segundo momento, estaria a utilização da linguagem cinematográfica em sala de aula. Esta, por sua vez, possui características específicas como: imagem, som, movimento, cores, cenários, o que a diferenciaria de textos escritos. De acordo com Duarte (2006, p. 38), para interpretar a escrita é preciso o “domínio pleno dos códigos e estruturas gramaticais convencionadas”. No que se refere à linguagem do cinema não “precisa ser ensinada”, inclusive na sociedade contemporânea que é midiática e imagética. Neste caso, a autora corrobora com a ideia de que esse indivíduo midiático desenvolve habilidades para interpretar códigos e signos apresentados pela linguagem cinematográfica (DUARTE, 2006). Porém, esse mesmo aluno contemporâneo, que tem contato com os produtos midiáticos, precisa de um professor-mediador.

Nesse sentido, reforça-se que o cinema seria parceiro da educação, quando o professor-mediador realizasse a “leitura” da linguagem cinematográfica. Noma (2006, p. 258) comenta que “o filme, como todo

produto de atividade humana que se pode denominar de artístico, é, ao mesmo tempo, construção, conhecimento e expressão de sujeitos sociais de uma determinada época e lugar”. A autora argumenta, ainda, que

a primeira questão a ser enfrentada por aqueles que trabalham com fontes fílmicas relaciona-se com a natureza das fontes utilizadas, visto que se trata de um tipo específico de registro humano que precisa ser decodificado e interpretado. Isso significa dizer que sua leitura não dá de forma imediata, pois as imagens não têm sentido em si (NOMA, 2006, p. 259).

Observa-se que o professor-mediador tem de selecionar, de acordo com o objetivo da aula, o filme que irá exibir aos alunos. Além disso, precisa ter conhecimento prévio da película e, com isso, analisar quais temas irá debater com os discentes. Salienta-se que o cinema faz parte da cultura popular, mesmo assim, necessita-se de pedagogia do cinema, ou seja, metodologia específica para concretizar a “leitura” dos conteúdos que compõem a linguagem cinematográfica. Essa “metodologia do cinema” se pautaria no ato em que o professor-mediador elaborasse o plano de aula. Nesse momento, o docente explicitaria quais atividades desenvolveria com os alunos, após a exibição do filme. Além disso, pontuaria sobre direção, roteiro, cenários, temas abordados na película e, ainda, o professor-mediador buscaria outras informações em fontes paralelas como sites, revistas e redes sociais. Somam-se, também, produção de textos, debates e comunicações elaborados pelos discentes e relacionados aos temas exibidos no filme.

O cinema possibilita elementos diferenciados que atraem a atenção dos alunos, entre eles: som, imagem, cores, movimento, música, enquadramentos em *close up*, movimentos de câmeras, entre outros. Esses elementos podem induzir o aluno a interpretação errônea. Por isso, o professor-mediador exerce papel fundamental. Duarte (2006, p. 47) exemplifica com a sonoplastia que “a música participa intrinsecamente da configuração do ambiente emocional do filme e interfere no modo como percebemos os diferentes momentos



dramáticos (perigo, suspense, tensão, ternura, etc.) da história que está sendo contada”. Dessa maneira, o professor-mediador poderá chamar a atenção do aluno de maneira crítica para que não se envolva com o tema musical, sem antes contextualizá-lo.

A “leitura” crítica da linguagem cinematográfica, também, é sustentada por Silva (2004, p. 106) ao afirmar que:

saber ler uma imagem, um filme, é tão necessário quanto aprender a ler e escrever nos moldes convencionais, pois os códigos e os processos de produção da comunicação se alteram e, nessas mudanças, buscam receptores aptos para entendê-los. Se o processo de produção se altera, fazendo surgir novos códigos, ele irá exigir uma nova posição receptiva; o mesmo valendo para a alteração da percepção e da recepção, que exigirá novos códigos no processo de produção.

A autora reafirma a importância da “leitura” de imagem e isso remete à ideia de que o espectador não é passivo diante dos produtos midiáticos, mas há uma relação de interatividade. Por isso, é necessário que o cinema esteja, cada vez mais, inserido no espaço escolar. Mesmo assim, há docentes que criticam a utilização de filmes como ferramenta pedagógica. A justificativa deles se pautaria basicamente em três pontos principais: a baixa qualidade de alguns filmes, a exibição de cenas de violência e erotismo exacerbado.

Esses argumentos poderiam não se sustentar se os professores adquirissem consciência de que o filme pode expressar “mundos imaginários, construídos a partir de linguagens e técnicas que, para além de meros acessórios comunicativos de fábulas abstratas, têm uma estrutura comunicativa, estética e ética que dá sentido à história filmada” (SILVA, 2004, p. 57). Nesse sentido, o profissional do cinema, por exemplo o roteirista, realiza pesquisa e reconstrução de épocas históricas (sociedade, economia, política, cultura) fundamentais para o processo de ensino e de aprendizagem.



Dessa maneira, criar estratégias pedagógicas para utilizar o filme em sala de aula permitiria a socialização do conhecimento nas escolas. Para Setton e Viana (2004), isso se concretizaria ao trazer a mídia para os espaços escolares. As autoras argumentam que a dificuldade de solidificar esse fato é porque muitos docentes, ainda, consideram o cinema apenas como entretenimento e não como fonte de pesquisa que possibilita “[...] o registro de uma época e história, bem como em muitos momentos, servindo de instrumento ideológico que ajuda na construção das identidades individuais e coletivas” (SETTON; VIANA, 2004, p. 64).

Essa parceria entre cinema e escola serviria para vencer desafios e formaria outras linguagens de transmissão e construção do conhecimento. A utilização da mídia em sala de aula, neste caso a linguagem cinematográfica, seria justificada pelas mudanças na sociedade contemporânea, que vive a “era midiática”. Os filmes em análise oportunizariam ao aluno a ampliação do repertório deles, porque teriam contato com temas relevantes que entrelaçam na sociedade vigente. Nesse caso, o cinema oportunizaria debate de temas diversos como ética, valores morais, questões de gênero, racismo, preconceito, crenças. Essa multiplicidade de assuntos possibilitaria, também, a interdisciplinaridade e a transversalidade em sala de aula em disciplinas de história, geografia, filosofia, sociologia, artes, entre outras. Além disso, o aluno teria ampla visão de mundo, seria crítico e reflexivo sobre as condições de vida dele e a construção da realidade. Dessa maneira, o discente assumiria papel social de cidadão crítico e o protagonismo da própria história dele. Duarte (2006, p. 90) corrobora com essa ideia ao afirmar que

o cinema é um instrumento precioso, por exemplo, para ensinar o respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas de diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas. [...] Na maior parte das vezes, os estudantes são levados a considerar a possibilidade de uma mesma situação ser

vista e compreendida de formas profundamente diferentes.

A autora traz que a polissemia da linguagem cinematográfica possibilitaria ao discente entender, compreender e interpretar um fato ou uma situação em diversos ângulos. Isso solidificaria a criticidade dos estudantes. Ela comenta que: “a maior parte dos filmes pode ser utilizada para discutir os mais variados assuntos. Tudo depende dos objetivos e conteúdo que se deseja desenvolver. O importante é que os professores tenham algum conhecimento do cinema orientando suas escolhas” (DUARTE, 2006, p. 94). Nesse sentido, mesmo os filmes, que apresentam cenas de violência, por exemplo, poderiam ser exibidos em sala de aula, cujo objetivo do professor-mediador seria analisar a sociedade contemporânea e os conflitos sociais que a permeiam.

Salienta-se que para utilizar de filmes como ferramenta pedagógica, o professor-mediador precisa observar critérios como: assistir à película antes de exibí-la aos alunos, comentar sobre a direção, roteiro, cenário, época de produção, contextualizar a história representada pelo filme, buscar informações sobre o tema em fontes diversificadas, entre outros. Além disso, o docente tem de atentar-se ao repertório do aluno, para que este consiga entender as mensagens fílmicas.

Segundo Setton e Viana (2004, p. 70), a utilização do filme como recurso didático se solidifica quando, o docente consegue

identificar, fragmentar seus elementos constitutivos, a partir de uma metodologia crítica de análise para depois interpretá-los de acordo com interesses mais imediatos [...]. Para usar as projeções de filmes como material educativo é preciso retirá-los de seu espaço de circulação mais imediato, é preciso retirá-los de seu contexto normal de exibição, enfim, como entretenimento, para em seguida submetê-lo a um debate com propósitos estabelecidos *a priori*

Frisa-se que as autoras acentuam que o filme, como material educativo, tem de ser analisado como contexto educacional e não de entretenimento.

Nessa perspectiva, Parra e Parra (1985) argumentam que a “leitura” de um filme possui etapas como: orientação e observação, vocabulário da narração, levantamento de hipóteses, problemas e outros. Para eles

um filme educativo não necessita ser projetado à maneira dos filmes recreativos. Deve levar o aluno a desenvolver sua capacidade de observação, descobrir as relações entre fenômenos apresentados, semelhanças e diferenças, adotar uma atitude crítica frente a imagem, e a desenvolver ‘o gosto pela investigação e pelo contato com o real’ (PARRA; PARRA, 1985, p. 142, grifo do autor)

Verifica-se que o professor-mediador, após exibir o filme em sala de aula, deve desenvolver atividades junto aos alunos sobre os temas abordados na película. Essas atividades podem ser desenvolvidas em grupo e individuais e abarcarem desde debates, questionamentos até painéis, exposições, comunicações, mesas redondas e elaboração de artigos científicos. Nessa perspectiva, Parra e Parra (1985) trazem que ao

analisar o conteúdo do filme; um estudo dirigido para verificar a compreensão e reforçar pontos importantes; um problema a ser resolvido pela classe em grupo ou individualmente; projetos, pesquisas, leituras adicionais, um sem limite de técnicas renovadas para fixar, desenvolver, ampliar as informações trazidas pelo material audiovisual (PARRA; PARRA, 1985, p. 142).

Os autores chamam a atenção pelo fato de que o filme em sala de aula vai além de um estudo dirigido. A análise dele deve ser ampla, assim como as atividades proporcionadas pelo professor-mediador aos alunos, após a exibição da película no espaço escolar.

As reflexões de Favoretto (2004) corroboram sobre a importância do cinema como fonte de pesquisa no processo de ensino e de aprendizagem e reforçam a contribuição da sétima arte para o desenvolvimento crítico do aluno.

Tomar o cinema como instância educativa implica redirecionar as tradicionais questões sobre as relações

entre pensamento e sensibilidade. Entre juízos de gosto e prazer da fantasia, entre experiência reflexiva e consumo de experiências [...]. Assim, o cinema seria muito mais do que uma simples mediação pedagógica, um dispositivo de problematização da cultura (FAVARETTO, 2004, p. 13).

O autor argumenta que a linguagem cinematográfica contribuiria para problematizar a realidade. Nesse caso, o filme abordaria assuntos como questões socioeconômicas e culturais, política, questões de gênero, racismo, preconceitos e outros. Favaretto (2004) comenta que o professor não poderia reduzir o filme como experiência de fantasia. Para isso não acontecer, o docente teria de agregar outras fontes ao filme exibido em sala de aula. Essas fontes de pesquisas seriam revistas, jornais, sites, podcast e diversas publicações referentes aos temas abordados nas películas fílmicas. Isso porque utilizar do filme como fonte única de pesquisa, colocaria o professor em situação restrita na análise dos assuntos, uma vez que o cinema é multidimensional. Duarte (2006) comenta que o cinema:

[...] engloba fatos que vêm *antes*, *depois* ou *por fora* do filme, como a infraestrutura de produção, o sistema de financiamento, a seleção de equipes técnicas e de atores, tecnologia de aparelhos, estúdios, biografias de cineastas, contexto sociocultural, filmagem, montagem, lançamento, reação de espectadores e crítica etc. (DUARTE, 2006, p. 98).

A autora observa que o filme é apenas uma parte do processo, denominado de linguagem cinematográfica. Dessa maneira, é imprescindível analisá-lo como um todo (direção, período de produção, roteiro, escolha do elenco e outros). Além disso, o professor-mediador para fazer “leitura” fílmica poderia recorrer aos Estudos Culturais que têm, entre outros objetivos, a pesquisa da cultura social moderna.

## CINEMA E ESTUDOS CULTURAIS

Os produtos de comunicação de massa como o cinema repassariam conceitos, contribuiriam para solidificar estereótipos sociais e poderiam influenciar a sociedade. Para evitar ou amenizar isso, o filme deveria ser “lido” para os discentes já que “não são entretenimento inocentes, mas têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, às lutas, a programas e ações políticas” (KELLNER, 2001, p. 123). Nesse sentido, faz-se necessário decodificar as mensagens e os efeitos ideológicos que constam nos filmes exibidos no espaço escolar. Isso contribuiria para a construção de uma política de contestação e possibilitaria alunos mais críticos e observadores. Ainda, segundo Kellner (2001, p. 13, grifo do autor), “os filmes e outras formas de cultura da mídia devem ser analisados como texto ideológicos em *contexto e relação*”. Nessa perspectiva, o professor-mediador, junto aos alunos, poderia utilizar o filme como fonte de pesquisa e desmistificaria as ideologias impregnadas na sociedade e que teriam sido abordadas na linguagem cinematográfica exibida no espaço escolar

Ao reforçar a tese de que o filme é cultura de mídia e produto de massa, somada à ideia de que sua produção dele não é ingênua, o professor-mediador para analisá-lo e contextualizá-lo poderia recorrer aos Estudos Culturais. Estes focam na produção de significados culturais e como eles se disseminam na sociedade. Nesse sentido, a análise da cultura, no caso desta pesquisa em específico o cinema, deveria ser analisada além de simples reunião de costumes e hábitos da sociedade. A justificativa estaria no fato de que a cultura perpassaria pelas práticas sociais e seria o resultado delas com os seus atores. Segundo Kellner (2001, p. 49), os Estudos Culturais “situam a cultura num contexto sócio-histórico no qual esta promove dominação ou resistência, e critica as formas de cultura que fomentam a subordinação”. Observa-se que nesse conceito, o autor chama a atenção para que não haja dominação ou imposição cultural.

Porém, os Estudos Culturais admitem que há intencionalidade de dominação por parte da Indústria Cultural<sup>2</sup>, porém, os emissores não são todopoderosos nesse processo de comunicação. Nesse caso, os Estudos Culturais, por terem característica interdisciplinar e transversal, investigariam a multiplicidade que há em cada uma das culturas e das relações interculturais. De acordo com Johnson (2006, p. 147),

nesta perspectiva, são estudadas as estruturas e os processos através dos quais os meios de comunicação de massa sustentam e reproduzem a estabilidade social cultural. Entretanto, isto não se produz de forma mecânica, se não se *adaptando* continuamente às pressões e às contradições que emergem da sociedade, e *englobando-as* e *integrando-as* no próprio sistema cultural (JOHNSON, 2006, p. 147, grifo do autor).

Como o cinema é mídia de massa, o autor afirma que reproduziria a estabilidade social cultural. Ao considerar que a escola é parte dessa sociedade vigente e que atende público heterogêneo, necessita-se romper com essas contradições sociais. Wortmann e Veiga-Neto (2001, p. 114, grifo do autor) corroboram com essa ideia ao afirmarem que “os Estudos Culturais assumem que tal ‘realidade’ é, também, uma construção processada culturalmente; no caso, processada principalmente pelos docentes, pelo sistema escolar e pelas propostas e teorizações pedagógicas”. Os autores argumentam que professores e alunos poderiam, simplesmente absorver a cultural existente na sociedade ou criticá-la e contextualizá-la. Nesse sentido, o cinema seria parceiro no processo de ensino e de aprendizagem desde que o professor-mediador fizesse a “leitura” da linguagem cinematográfica e, junto aos alunos agora com criticidade, atuaria na sociedade ao exercitar a cidadania deles.

---

<sup>2</sup> Refere-se à transformação de obras diferentes em produtos padronizados e isso se deve à introdução da tecnologia no processo de produção cultural.

Os Meios de Comunicação de Massa (MCM) fazem parte do cotidiano das pessoas. Todos os dias elas são “bombardeadas” por inúmeras informações vindas de sites, programas de televisão, outdoor, cinema, entre outros. Isso possibilitaria o desenvolvimento da cultura da mídia que solidificaria padrões estéticos, estereótipos, conceitos de certo ou errado. Esses produtos de mídia, se não forem analisados ou questionados, podem ser consumidos sem criticidade.

Esse mundo *espetacularizado* apresentado, em especial pelo cinema, fascinaria o espectador, inclusive quando, fornece “modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente” (KELLNER, 2001, p. 9). Para refutar essa ideia, necessita-se que a pessoa desenvolva “sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade de forma de vida próprios” (KELLNER, 2001, p. 11). Porém, há pessoas, mesmo não sendo passivas perante os produtos de mídia, poderiam consumi-los sem analisá-los de maneira crítica e, devido a isso, conformar-se-iam com os modelos estabelecidos pela sociedade vigente. Nota-se que as produções culturais se tornam massificadas e padronizadas. “Os produtos das indústrias culturais tinham função específica, porém, de legitimar ideologicamente as sociedades capitalistas existentes e de integrar indivíduos nos quadros da cultura de massa e da sociedade” (KELLNER, 2001, p.11) Nesse caso, também, estaria o cinema. Por isso, a “leitura” da linguagem cinematográfica feita pelo professor-mediador seria fundamental no espaço escolar, cujo objetivo é aguçar a criticidade do aluno em relação aos temas exibidos nas películas.

## **CINEMA E MODOS DE ENDEREÇAMENTO**

Os produtos de mídia, em especial o filme, foco deste artigo, não são produzidos de maneira aleatória. Eles são endereçados a públicos específicos,



cujo objetivo é atrair o espectador. Segundo Ellsworth (2001, p. 24), é por isso que o filme “adquire sentido, dá prazer, agrada dramática e esteticamente, vende a si próprio e vende os produtos relacionados com o filme”. Dessa maneira, a linguagem cinematográfica se torna dinâmica ao combinar sons, cenários, cores, movimento, roteiros e outros elementos. Para o autor, o filme não é apenas “[...] um sistema de imagens e do desenvolvimento de uma história, mas também de uma estrutura de endereçamento que está voltada para um público determinado, imaginado” (ELLWORTH, 2001, p. 16).

Salienta-se que, nem sempre o endereçamento do filme atinge o público-alvo. Isso porque as pessoas podem se recusar em assistir a ele por diversas razões, inclusive, por não se identificarem com a história ou porque leram críticas relacionadas à película e não gostaram. Como a maioria dos filmes não são endereçados a professores e alunos, é necessário que discentes e docentes estejam incluídos na complexidade dos modos de endereçamento de um filme. As diversas maneiras em que eles irão assistir ao filme lhes possibilitarão experiências diferentes, reflexões diversas com saberes ecléticos, por exemplo, de crenças e visões de mundo.

Nota-se que, ao utilizar o filme no espaço escolar, o professor teria de ficar atento aos modos de endereçamento da película. Isso porque para ele, junto aos alunos, fazer a “leitura” da linguagem cinematográfica, tem de estar sincronizado com a mensagem apresentada pelo filme. Salienta-se que essa mensagem estaria ligada às experiências tanto do docente quanto do discente. Percebe-se que, apesar de a elaboração do filme direcionar-se a um público específico (espectador), este não é passivo ao assistir a ele, já que traz consigo experiências de vida que o ajudará na “leitura” fílmica. Essas experiências são fundamentais, que, de acordo com Martins (2007), os significados que o espectador obtém ao assistir ao filme podem ser influenciados, até mesmo, pela região onde ele mora.

Frisa-se que essas experiências dos docentes e alunos possibilitariam a eles criarem interação com imagens e texto fílmicos. Porém, mesmo os modos de endereçamento pretenderem atingir público específico, não garantem que o espectador fará a “leitura” do filme como o esperado pelos idealizadores da linguagem cinematográfica. Por isso, o professor-mediador deve debater o filme junto aos discentes e respeitar a visão de mundo de cada um deles e, quando necessário, fazer intervenções e direcionar o “olhar” do aluno para os assuntos que merecem mais atenção.

O professor-mediador não poderia se esquecer que a sala de aula é lugar heterogêneo com olhares e nuances diferentes. Nesse mesmo espaço escolar agrupam-se, também, culturas e classes sociais ecléticas. O docente lidará com essa diversidade e possibilitará discussões sobre os temas exibidos nos filmes, cujo objetivo é fomentar o debate e desenvolver o senso crítico dos alunos.

Nesse sentido, o professor ao fazer a “leitura” do filme e respeitar as experiências dos alunos, contribuiria para a construção de um espaço pedagógico eclético, heterogêneo e dinâmico. Frisa-se que o docente poderia romper com os modos de endereçamento dos filmes e utilizar da película de acordo com a realidade dos discentes, ao visar à ampliação da criticidade deles.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sociedade atual convive com os Meios de Comunicação de Massa (MCM) que, muitas das vezes, trazem as influências das narrativas midiáticas. Nota-se que a cultura da mídia permeia todos os setores da sociedade, inclusive a escola. Por isso, professores precisam estar atentos e interpretar as linguagens e mensagens exibidas pela mídia e promover a criticidade dos alunos.

Nesse sentido, o cinema pode ser parceiro no processo de ensino e de aprendizagem e contribuir para a formação crítica dos alunos. A exibição de filmes em sala de aula propiciaria, não apenas aulas mais dinâmicas, mas debates, reflexões e análises de assuntos que permeiam a sociedade. O professor-mediador, ao trazer a linguagem cinematográfica à sala de aula, utilizaria da narrativa, imagem, movimento, som, cores e uma diversidade de temas interdisciplinares e transversais que contribuiriam para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos. Além disso, o docente atuaria como mediador do processo de ensino e de aprendizagem e utilizaria o filme como fonte de pesquisa em sala de aula.

Frisa-se que, ainda, há docentes que resistem em utilizar o cinema em sala de aula como fonte de pesquisa. Há, também, aqueles que exibem os filmes nos espaços escolares como mero produto de entretenimento. Sem desconsiderar essa hipótese, já que o cinema surgiu com fonte de diversão, esta pesquisa mostra que a “leitura” crítica da linguagem cinematográfica feita pelo professor-mediador contribui para o desenvolvimento do senso crítico dos alunos. Nesse sentido, o discente ampliaria a visão de mundo dele, analisaria assuntos relacionados a diversos temas como política, cultural, racismo, questões sociais e de gênero. Ao adquirir a criticidade, o aluno exerceria a cidadania dele e contribuiria para o desenvolvimento da sociedade vigente.

Por fim, salienta-se que esta pesquisa sobre a utilização do cinema em sala de aula e sua contribuição para o desenvolvimento crítico do aluno não é única e pode possibilitar outras interpretações. Nesse sentido, este estudo, não tem o propósito de esgotar o assunto em questão, pretende apenas contribuir aos docentes para que utilizem filmes em sala de aula e que façam a “leitura” das narrativas fílmicas para que haja alunos, cada vez, mais críticos e protagonistas da história deles.

## Referências

- DUARTE, Rosália. **Cinema&Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T.T. (Org.). **Nunca fomos humanos: metamorfoses da subjetividade contemporânea**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FAVARETTO, Celso. **Prefácio**. In SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org.) *A cultura da mídia na escola – ensaios sobre cinema e educação*. AnnaBlume: São Paulo, 2004
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Docência, cinema e televisão: questões sobre a formação ética e estética**. Revista Brasileira de Educação. V. 14, n. 40, jan./abr.2009: Porto Alegre, RS, p. 97
- GUARESCHI, Pedrinho A. e BIZ, Osvaldo. **Mídia, Educação e Cidadania – tudo o que você deve saber sobre mídia**. Petrópolis: Vozes, 2005
- JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001
- NOMA, Amélia Kimiko. A pesquisa histórica em educação com fontes audiovisuais. In MACHADO, Maria Cristina Gomes; LOMBARDI, José Claudinei; SCHELBAUER, Anaete Regina (Orgs.). **Educação em debate – perspectivas, abordagens e historiografia**. Campinas: Autores Associados, 2006
- PAIXÃO, Pablo Boaventura Sales; BARROSO, Rida de Cássia Amorim; FREIRE, Valéria Pinto. **A Escola Nova e o cinema educativo: educação para quê?** V Colóquio Internacional: educação e contemporaneidade. Disponível em:<http://educonse.com.br/2011/cdroom/eixo%202/PDF/Microsoft%20Word%20%20A%20ESCOLA%20NOVA%20E%20O%20CINEMA%20EDUCATIVO.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.
- PARRA, Nélio; PARRA, Ivone C. da Costa. **Técnicas audiovisuais de educação**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1985
- SETTON, Maria da Graça Jacintho; VIANA, Cláudia Pereira. O conceito de gênero e a construção dos sujeitos femininos na família: o uso do cinema nas reflexões educacionais. In. SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org.), **A cultura**

**da mídia na escola – ensaios sobre o cinema e educação.** São Paulo: AnnaBlume, 2004

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e Educação.** São Paulo: Cortez, 2007.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos Culturais da Ciência & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001